

Perto do asfalto, longe da civilização

— *Oneide Andrade da Costa*

BIOGRAFIA DA AUTORA —

Bacharela em Secretariado Executivo pela Universidade Federal da Bahia e em Direito pela Universidade Católica do Salvador, Mestra do Programa de Pós-Graduação em Estado e Sociedade/Centro de Formação em Ciências Humanas e Sociais da Universidade Federal do Sul da Bahia.

RESUMO DO TEXTO —

O presente trabalho pretende apresentar um poema criado a partir da inspiração advinda da vivência experimentada na pesquisa “À beira da vida: vulnerabilidade social dos beiradeiros do extremo sul da Bahia, Brasil”, que vislumbra retirar da invisibilidade pessoas que fizeram da beira da estrada uma opção de moradia e sustento para si e suas famílias, ocupando as faixas de domínio público às margens das rodovias federais e estaduais no Brasil, edificando moradias com materiais diversos e plantações, e aqui chamamos beiradeiros. O recorte geográfico foi de 26 km de extensão, partindo de Teixeira de Freitas, município do Estado da Bahia, seguindo pela rodovia BR-101 na direção norte,

sendo o marco inicial a placa que sinaliza o início/fim do “perímetro urbano”. Os dados descrevem esta população, e serviram de inspiração para construção do poema: a observação dos participantes, gestos, olhares, a conquista paulatina da confiança, a esperança de uma parcela da população que sequer está relacionada, inclusive, no rol de categorias do próximo Censo em 2020, e experimentam todos os dias os dissonâncias da invisibilidade política e social, em busca de sustento e paz, entregues à própria sorte à margem da sociedade, na beira do caminho.

Fotógrafa: Ananda da Luz Ferreira
[@beiradeiros_ufsb](#)

É cedo ainda, o vermelho aquebrantado do sol já anuncia que raia o dia
a gota d'água não corre na bica
ela se esconde num poço inalcançável de desejos que jazia
Lá vai lindeiro, baldear a lama, buscando a gota e na esperança a alcança

O canto da garrincha abafado pela buzina
o som da Scania ensurdece e avisa: o tapete preto dita e limita a vida
Além dele é a cerca excludente, e o fazendeiro advertiza
“longe daqui, tu pisa e leva esse cortiço dessa beira de pista!”

Entre o arame e o betume, o Beiradeiro planta, labuta com a terra
Não dá para ir longe, “é arriscoso!”
Arar a terra longitudinal, sem a profundidade que a plantação requeria, ninguém podia
E lá vem a noite, o sereno, já vai o dia.

E a criançada, pé no chão, olhos atentos abrilhantados por uma singela inocência
brinca brejeira com os cacos e jantes deixados na rodagem
rodeada está das poucas galinhas, penosas e magricelas
E os cães mais que vigiam, protegem, anunciam qualquer procela

No relento é cada farol que alumia, energia não tinha
“não tinha teto, não tinha nada!”
É a arquitetura do madeirite e do papelão, ou a lona que escapa do caminhão
a cobrir os sonhos nessa beira, quanta provação!
“Ninguém podia fazer pipi, por que banheiro...” o mato é logo ali
Canta o pneu, o farol pisca, reluz, alumia
Viajantes passam, todo mundo olha, mas ninguém vê o Beiradeiro e sua cria
E seus sonhos de melhores dias espremidos entre a cerca e a rodovia.

